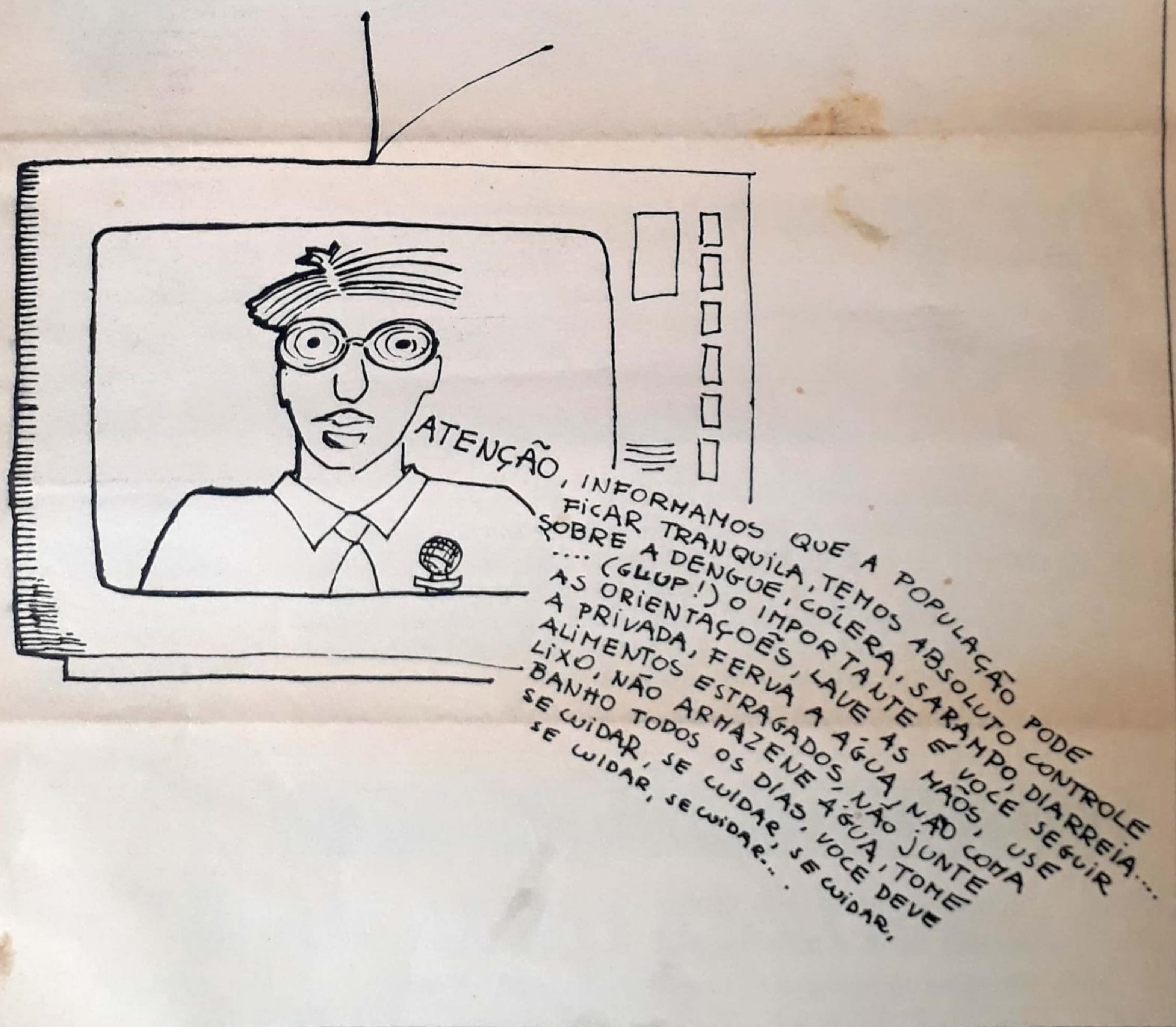


**SE LIGA
NO SINAL**

CEPEL

Boletim informativo do sinal sistema de informações de nível local nº 1

O que é o sinal?



O verão acabou e o dengue?

Página 6

Cólera: mais uma epidemia?

Página 7

EDITORIAL

"SE LIGA NO SINAL" é um boletim bimestral que tem por objetivo divulgar informações, discussões e análises a respeito das condições de vida e saúde da população moradora na área da Leopoldina.

Essa publicação, que tem início com esse número, se caracteriza enquanto um órgão informativo do SINAL (Sistema de Informação de Nível Local), cujo propósito maior é o de produzir dados e sistematizar as informações existentes na perspectiva de contribuir na luta do movimento popular organizado pela melhoria da qualidade de vida.

Os artigos desse primeiro boletim trazem para discussão alguns aspectos importantes na conjuntura sanitária nacional como a situação do dengue (que não acabou), da menigitite e do cólera, que agora está aí - novamente - ameaçando ser mais um dos graves problemas de saúde pública com que se defronta a população brasileira.

O SINAL - proposta detalhada em artigo a seguir - é uma rede formada por profissionais, entidades civis e por representantes do movimento popular da área da Leopoldina.

Esses diferentes grupos farão suas apresentações no decorrer das publicações desse boletim, situando sua

AGENDA CEPEL

- Reuniões CEPEL: 2ª feira - 18:00h
- Reuniões SINAL: 4ª feira - 14:00h
- 10ª Oficina de Educação e Saúde 04-07-91 - ENSP - 4º andar.
- 2º Papo das seis: Convidado Dep. Estadual Carlos Minc. no dia

15-07-91 - 18:00 - **CEPEL** CRIAM PENHA (Ao lado do PAM - Penha)
ASSUNTO: LINHA VERMELHA
Qualidade da Água No Rio



CEPEL

Comissão Editorial

Ernani Alcides de A. Conceição
Carlos Dimes Martins Ribeiro
José Manuel Pires Esteves
Kita Eider
Luiza de Marillac Gomes
Maria Alice P. de Carvalho
Mônica de Assis
Sandra Aparecida V. de Siqueira
Victor Vicent Valla

COLABORADORES

Ana Cláudia M. de Araújo
Eliane Hollanda
Heloise Maria V. Moraes
Maria Amélia G. de Souza Reis
Mariângela de Carvalho
Mary Jane de O. Teixeira
Moisés Pinto de Oliveira
Simone Cynamon
Sonia Maria Chaudud

Diagramação: Ricardo Ferreira
Arte-Final e Composição:
Black Star Artes Gráficas
- Tel.: 252-1520
Assessoria Gráfica: WLCA Obras
Gráficas Reunidas - 242-3524
Impressão: Gráfica do Sind. dos
Bancários/RJ

CEPEL - Rua Urano, 1.496/401
- Olaria/RJ - CEP 21040

SINAL - SISTEMA DE INFORMAÇÕES DE NÍVEL LOCAL

A proposta que ora apresentamos é um dos resultados possíveis do movimento em defesa da população conhecido como SE LIGA LEOPOLDINA. Afirmamos que é um dos resultados no sentido de que esse movimento bem sucedido na campanha de alerta e denúncia sobre a epidemia de dengue hemorrágico, estava a exigir um novo passo. Entendemos que o movimento precisa atuar de modo mais profundo, amplo e sistemático se quiser contribuir para melhorar as condições de saúde da população e que, para tanto, deveria estruturar-se enquanto uma "rede de informações". Discussões com vários grupos, entidades, lideranças populares e profissionais da rede pública de serviços básicos animaram-nos a tomar iniciativa de propor, com base na rede do SE LIGA LEOPOLDINA, a organização de

um sistema de informações de nível local (SINAL).

No resultado, SINAL se propõe a ser uma rede "informal" de informações a nível local. Informal porque os profissionais que participariam da rede estariam atuando como cidadãos e não como representantes das unidades de serviço público para os quais são lotados. De lado das entidades populares, procura-se integrar as associações de moradores no SINAL, mas entendemos que outras organizações tais como clubes de mães, organizações populares de saúde, igrejas, diretórios locais de partidos políticos e sindicatos também poderiam participar. Enfim, a sociedade civil voltada para os interesses das classes populares montando e mantendo sua rede informal de informações como parte de seu programa de saúde.

No organização de um sistema de informação à nível local, é necessário a criação de uma metodologia capaz de dar conta da produção de conhecimentos numa perspectiva popular.

Sublinhamos a construção de uma metodologia porque queremos dar maior ênfase ao processo do que aos resultados ou produtos. O que buscamos é a construção coletiva do conhecimento, incorporando a cultura de cada grupo e entidade que participa ou querer participar do "SE LIGA NO SINAL".

Poderíamos dizer que a construção do SINAL visa quatro pontos objetivos:

- Organizar um banco de dados sobre as condições de vida das classes trabalhadoras na área da Leopoldina;
- Participar junto à sociedade civil na luta pelo direito à informação ampla e imparcial, enquanto um direito político de cidadania.

1. Organizar o Movimento Popular da Ilha do Governador para garantir a reprodução social no quadro econômico, político e ideológico da crise que atravessamos.

2. Capacitar o movimento popular durante o processo de realização do diagnóstico, possibilitando a construção compartilhada de conhecimento relativo às condições de vida entre profissionais e entidades populares.

3. Veicular e traduzir através de boletim informativo e material de divulgação, as informações necessárias aos diversos grupos e entidades do movimento popular da Leopoldina;

4. Participar junto à sociedade civil na luta pelo direito à informação ampla e imparcial, enquanto um direito político de cidadania.

Movimentos Sociais de Saúde

A equipe do projeto "Movimentos Sociais e Saúde" da ESS/UFRJ, junto com o CEPEL e "Se Liga Leopoldina" vem discutindo com os representantes do movimento organizado da Sociedade Civil os fatores responsáveis pelo péssimo nível de saúde da população da Leopoldina e Ilha do Governador. Uma das estratégias encontradas foi a divulgação das questões discutidas no interior destes fóruns, através do boletim "SINAL", com o objetivo de ampliar as lutas que já vem sendo

realizadas, bem como socializá-las e articulá-las com outras que já vem sendo encaminhadas.

A pequena atuação do Estado nessa área de fragilidade é sentida através do restrito acesso que a população tem à saúde pública, transporte, luz, saneamento, habitação, alimentação, emprego e salário, comprometendo dessa forma, suas condições de vida. Nesse sentido, profissionais de saúde, educação e serviço social, ligados às entidades já citadas, estão proco-

nando contribuir e assessorar os movimentos populares, no encaminhamento de suas lutas.

A ESS/UFRJ desde 1982, através do projeto já citado, tem assessorando as Associações de Moradores da Ilha do Governador em suas reivindicações por melhores condições de vida. Por entender que este trabalho tem que ser fruto de uma ação conjunta de diversas instituições e entidades comprometidas com a transformação social, nos integramos ao CEPEL,

a partir de 1991, com o objetivo de reunir forças para melhor contribuirmos com as organizações populares no enfrentamento de suas lutas.

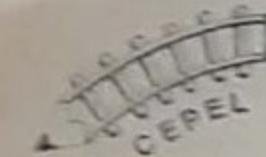
Na esperança que esse trabalho seja importante para a população dessa área, aguardamos a participação de todos nas reuniões do CEPEL e SE LIGA LEOPOLDINA para elaborarmos propostas de ação conjunta.

Equipe do Projeto de Extensão Universitária "Movimentos Sociais e Saúde".

I ENCONTRO SOBRE EDUCAÇÃO E SAÚDE

24/08/91 - UERJ - 7º Andar
Auditório 71 - 09:00 - 16:00

GRUPOS QUE PARTICIPAM DO SINAL



Neste número daremos início às apresentações dos grupos que compõem o SINAL.

ORIGEM

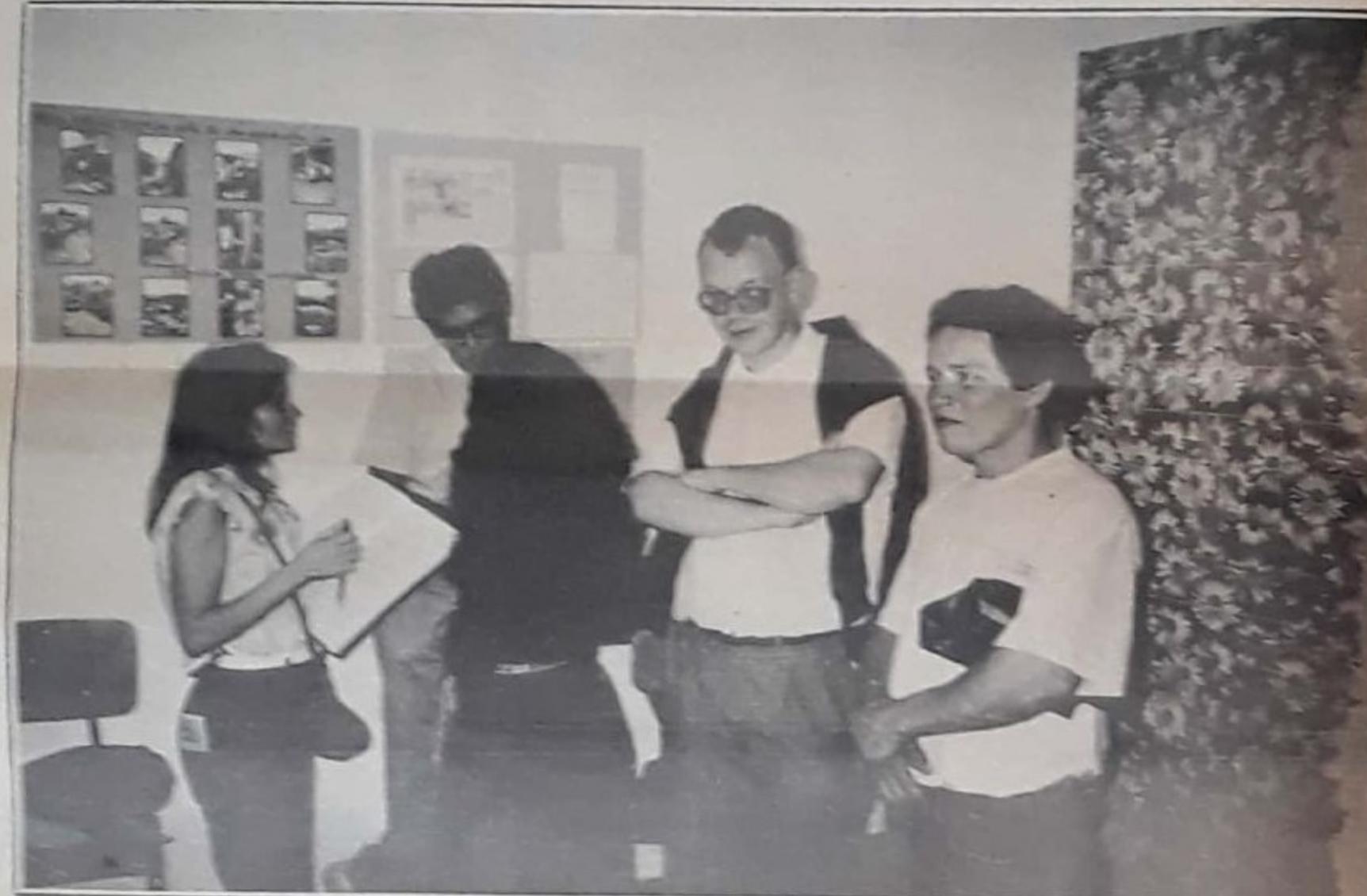
A necessidade de se criar um centro de estudos e pesquisas surgiu inicialmente entre pessoas ligadas à experiência de luta pela saúde e educação no bairro da Penha e pesquisadores do Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, os quais mantiveram os primeiros contatos em inicio de 1986.

A história desses grupos é, contudo, muito anterior. Na área da saúde, havia um número de pessoas que desde 1978 participava da Pastoral da Saúde, visitando doentes no Hospital Getúlio Vargas (Penha). Um outro momento, que é considerado importante para a constituição desses grupos foi o treinamento de "agentes de Saúde" realizado no Centro Municipal de Saúde Penha. Ao lado das atividades de treinamento, a população usuária do Centro e residente nas favelas, foi convidada a participar das ações de saúde desenvolvidas naquela unidade. Nesse período cabe ressaltar a luta pela posse da terra e pelo direito de moradia em algumas das favelas e a mobilização contra a poluição industrial no bairro da Penha.

O CEPPEL foi fundado em 1 de Outubro de 1988, com a proposta de ser uma entidade civil, cultural, apartidária, sem fins lucrativos, sem distinção de ordem filosófica ou religiosa, na expectativa de ser um espaço autônomo alternativo, disponível para discussões, pesquisas, debates, etc.

OBJETIVO

O Cepel tem como objetivo fortalecer os movimentos popula-



res através de assessoria técnica, cedendo-lhes para assuntos específicos às suas reivindicações.

Atendendo a essas expectativas, o Cepel já realizou algumas atividades tais como:

– Curso Sanearamento e Saúde – Sesc/Ramos;

– Seminário A Escola... O que é... Como Mudar? – Centro Municipal de Saúde Penha.

– Assessorias – 1º Encontro de Adolescentes da XIX, R.A. – Centro de Estudos Marcelo de Abreu/C.M.S/Penha

– Levantamento Histórico das Lutas da Comunidade de Mangueiros.

vacão da Vida", autores Ana M. M. de Castro, Elaine Brandão e Fernanda Carreiro.

– Boletim do SINAL – O CEPPEL viabiliza esta publicação como articulador dessa rede de informações na Leopoldina.

Papo das Seis – Toda terça-feira 2º - Feira do mês.

O Centro possui uma biblioteca e arquivo que podem ser consultados com temas de interesse aos movimentos (política, educação popular, economia, etc).

HORÁRIO DE ATENDIMENTO

MATERIAL VENDA

Temos uma lista de publicações



O Centro já editou dois livros da Coleção Saúde e Educação com o Centro de Defesa dos Direitos Humanos – CODH/Petrópolis.

Nº 1 – "Participação popular e Saúde", autores Víctor Valla e Eduardo Stroz.

Nº 2 – "Saúde da Mulher: Sal-

A população vai pra rua denunciar: "Morrer de dengue é o fim da picada"

SE LIGA LEOPOLDINA



"Se liga Leopoldina" representa a ideia de que nós, moradores da Leopoldina devemos estar ligados nos problemas que acontecem ao nosso redor e que prejudicam a nossa vida. Devemos estar atentos, organizados e cobrando das autoridades o direito à saúde, água limpa e frequente em nossas bocas, esgoto tratado e moradia decente.

Em dezembro de 1990 realizamos um ato público que mobilizou a população para a gravidade da situação na área. Pois, apesar da existência de 6.829 casos no município do Rio de Janeiro, a secretaria Municipal de Saúde teimava em não reconhecer a epidemia.

E nós, população, o que devemos fazer?

Esperar e ver o que acontecerá?

Seria suficiente acabar com nossas planícies aquáticas?

E a população que não possui água encanada ou que o abasteci-

mento não é regular, levando-as a manter latrões com água para o uso doméstico?

E os locais onde não existe coleta frequente de lixo expondo a população a todos os tipos de doenças.

Problemas como estes foram abordados nos atos públicos seguintes que realizamos no Largo da Penha, Vigário Geral, Nova Holanda e novamente no Largo da Penha, onde confirmamos que a condição atual de vida da população permite não somente uma epidemia de Dengue como diversos tipos de doenças (cólera, Meningite, Leptospirose, etc.).

O Se Liga Leopoldina pressupõe como movimento de discussão

e levantamento de informações sobre as condições de vida e saúde que estão diretamente relacionadas com o aparecimento constante de doenças.

Como fruto de nosso trabalho, produzimos uma cartilha "Se Ligue, o dengue está ai", com a certeza de termos contribuído para a discussão da questão da doença, transmitindo ideias diferentes daque as autoridades tentam impor a população e desejando que essa mesma população continue caindo, trocando informações, participando do movimento.

Nos cidadãos, trabalhadores que contribuímos com parte de nosso salário para as despesas do governo, temos direito a uma vida digna,

E a História Continua...

Em 1988-1989, houve uma epidemia de dengue de tipo 1 e o pior local atingido foi o Parque Molezinho da Penha. Nos anos seguintes houve uma queda no número de casos que só voltou a crescer em 1990, a partir de abril, mês em que foi descoberto o vírus do tipo 2. Ao final do ano anunciam-se uma epidemia de dengue do tipo 2 que poderia ser hemorrágico, foma mais grave da doença que pode inclusive levar à morte.

Em 1991, segundo dados da Coordenadoria de Epidemiologia da Secretaria Municipal de Saúde, os últimos números sobre a situação do dengue na cidade do Rio de Janeiro são os seguintes:

DENGUE 1

Mar 10.055 casos
Abr 4.561 casos
Mai 552 casos
(1^ª semana)

DENGUE 2

Jan a Abr 690 casos

O VERÃO ACABOU... O DENGUE TAMBÉM?



E interessante notar que esses são os números de casos que "chegam" aos serviços de saúde. Na realidade o dengue atinge muito mais pessoas, sendo que uma boa parte delas trata a doença em casa, o que faz com que um grande número de casos não cheguem a ser notificados à Secretaria.

Analisando toda a história do

dengue, queremos levantar a discussão de que, apesar da queda no número de casos após o verão, o dengue continua atacando e o dengue hemorrágico continua hospitalizando pessoas. Será que devemos ficar aliviados com a queda do número de casos e só voltarmos a nos preocupar no próximo verão? Não seria o inverno a melhor época para a população e os governos combaterem o mosquito transmis-

E fundamental que fiquemos alerta quanto a essa situação e possamos cobrar dos governos o seu papel no combate ao mosquito (passagem do fumaryl, fiscalização sanitária, campanhas educativas...) durante "todo o ano". Por outro lado, o abastecimento regular de água deve ser assegurado a toda a população pois a precariedade desse serviço, em muitas localidades do Rio de Janeiro, faz com que a população precise armazenar água em latões, favorecendo assim as condições para a proliferação do mosquito.

Isto demonstra que ao lado das medidas individuais que são solicitadas à população como não deixar latões e caixas d'água abertos, não deixar acumular água em recipientes (garrafas, pneus latas), trocar a água das plantas, etc., é preciso que se garanta o direito ao saneamento básico através de redes de esgoto, coleta de lixo e abastecimento regular de água tratada, o que é direito de cada indivíduo como cidadão e condição fundamental para o controle de uma série de doenças muito freqüentes em nossa sociedade.

E daí perguntamos: Será que teremos que conviver eternamente com doenças evitáveis como dengue, meningite, cólera...?

MENINGITE

A Doença Democrática

A meningite é a inflamação das meninges ("capas" que protegem o cérebro). A meningite meningocócica é causada por 3 tipos de bactérias (A, B e C), que causam febre, dor de cabeça e rigidez na nuca (quando não se consegue virar o pescoço), e se não for tratada pode levar à morte. No Rio de Janeiro tem ocorrido um aumento do número de casos, além do esperado, a partir de 1983. Em 1990 ocorreram 368 casos de meningite meningocócica (fora os casos de meningite por outras causas). Em 1991 (de janeiro a abril), tem havido um aumento de pessoas atingidas e ao longo dos anos a bactéria B tem feito adoecer um número cada vez maior de pessoas, principalmente crianças de 0 a 9 anos.

A meningite ataca mais no outono e inverno, porém tem aumentado o número de casos nos meses quentes. As bactérias passam de uma pessoa para outra, principalmente em lugares fechados e com muitas pessoas; ao ar livre elas não resistem e morrem. Por isso, é bom evitar lugares fechados e com muita gente, além de deixar as janelas abertas para que circule ar livre. Isso porém, esbarra nas condições de vida da população, pois há inúmeros casos de mais de uma família que moram juntas numa mesma casa ou de uma família em que todos ou quase todos os membros dormem em só cômodo, além da desnutrição que faz com que principalmente as crianças tenham facilidade de pegar a doença, pois o organismo fi-

ca menos resistente.

Ano passado houve vacinação contra a meningite B e C mas ainda não há conclusões finais sobre a real proteção da vacina. É importante a identificação dos sintomas e a procura do serviço de saúde, onde deve-se exigir que se faça o registro da doença para que se possa saber o quanto a doença está atacando em determinado lugar.

NA A. P. 31 (Área programática - Leopoldina e Ilha do Governador) onde a doença tem ocorrido da seguinte maneira, em 1991 de janeiro a abril:

X^a R. A. (Ilha) - 10 casos, uma morte.

XI^a R. A. (Penha) - 8 casos, nenhuma morte;

Mariângela

AGORA É CÓLERA

A população brasileira se depara sobre as condições gerais de saúde da população. A atual situação sanitária do país é péssima: nem bem acabamos de sair de uma epidemia de dengue e já chega outra que vem juntar-se às demais males brasileiras como a malária, a esquistossomose, a doença de chagas e a diarreia.

MAS O QUE FAZER COM O CÓLERA AGORA?

Essas doenças típicas de países subdesenvolvidos são causadas pelo abandono de investimentos no saneamento básico das cidades. Quase "metade dos municípios" brasileiros NÃO TEM REDE DE ESGOTO, o que facilita a contaminação da água e alimentos pela bactéria que transmite o cólera.

A TRANSMISSÃO DO CÓLERA SE DA PELA INGESTÃO DE ÁGUA E/OU ALIMENTOS CONTAMINADOS PELO BACILO VIBRIO CHOLARAE. A DOENÇA SE ALASTRA PELA FALTA DE SANEAMENTO BÁSICO DAS CIDADES.

PRATICAMENTE A METADE DAS CIDADES BRASILEIRAS NÃO TEM ESGOTO



A responsabilidade do governo também deve ser questionada e exigida neste momento. Além do investimento em saneamento básico é preciso também a fiscalização (VIGILÂNCIA SANITÁRIA) de bares, restaurantes e alimentos consumidos na cidade.

ENQUANTO ISSO NO RIO DE JANEIRO...

30% das xícaras de café estão contaminadas por MATERIA FECAL.

67% dos legumes consumidos também.

(Fonte: Jornal do Brasil).

SINTOMAS DO CÓLERA:

- DIARRÉIA INTENSA
- VÔMITOS
- DESIDRATAÇÃO RÁPIDA
- CAIMBRAS
- DORES ABDOMINAIS

Outras questões de responsabilidade do governo é a CLORAGAÇÃO DA ÁGUA. O cloro que é adicionado na água, nas estações de tratamento, não garante que a água consumida (que sai nas torneiras) seja de bom padrão. A má conservação da rede de distribuição ou a distribuição irregular que provoca a roturação de água em caixa d'água ou cisternas podem provocar uma

contaminação. Além disso a ação do cloro é de curta duração, devendo a água desinfetada ser consumida rapidamente.

É necessário neste momento a população observar as medidas preventivas divulgadas mas também exigir do governo que assuma suas responsabilidades em relação à saúde de pais. VAMOS TODOS COMBATER O CÓLERA.



Cadê a Informação que a População Precisa

Os últimos acontecimentos vêm reforçar ainda mais a importância da informação no processo de formação da opinião pública, seja na conjuntura nacional ou internacional.

Por exemplo, na guerra do Golfo Pérsico, criou-se todo um sistema que trabalhava as informações visando sustentar ideológica e politicamente uma ação militar ligada a interesses que, efetivamente até hoje não ficaram bem claros para a sociedade.

Esta prática de manipular as informações também pode ser constatada perto de nós, em nosso dia-a-dia. Os dados referentes às duas últimas epidemias de DENGUE, e divulgados pela grande imprensa, não refletiam as realidades da totalidade da extensão da doença nos vários municípios do estado, dificultando desta forma o planejamento no sentido de se desenvolver eficazmente ações preventivas de controle da doença.

O mais preocupante, para aqueles engajados nas lutas pela melhoria das condições de vida e saúde das populações é a forma como as informações são trabalhadas, mas sempre visando encobrir responsabilidades dos setores governamentais. Um bom exemplo disso foi a campanha de esclarecimento e combate ao DENGUE, que se reduzia na pregação de cuidados individuais indispensáveis para não se contrair a doença. Sem dúvida são informações importantes, porém, nenhum noticiário mostrou que milhares de famílias no Rio de Janeiro não são atendidas devidamente pelo sistema de abastecimento de água e que isso dificulta, senão muitas vezes impede, a adoção de cuidados individuais

que são veiculados.

A partir daí, pode-se entender que a apropriação de determinadas informações são fundamentais para que os cidadãos possam cobrar das autoridades o cumprimento de suas obrigações quanto à aplicação do dinheiro público.

Agora mesmo, estamos assistindo diariamente nos meios de comunicação que o governo brasileiro gastará aproximadamente 140 bilhões de dólares para construir a primeira etapa da Linha Vermelha, enquanto milhares de famílias vivem sob pontes, em praças públicas, passarelas, marquises, moran-

No momento vive a sociedade um embate colocado pela colera que se avizinha. Até, de quem é a responsabilidade? Qual a relação desta doença também com a falta de saneamento básico? Mais uma vez a campanha oficial reduz a questão, quando diz que todo mundo deve filtrar e/ou fervor a água, quando sabemos que milhares de brasileiros não dispõe de dinheiro para comprar filtro ou gás. Que país é esse deixa a maioria de sua população chegar a tal situação de pobreza?

Certamente, são muitas as inde-



do outras tantas em favelas e morros sem saneamento básico, precisando de obras nas encomendas para evitar desabamentos que trazem o flagelo e desespero a milhares de cidadãos. Só para termos uma pequena idéia, segundo o ITC (Instituto de Tecnologia para o Cidadão) com este dinheiro, poder-se-ia construir 300 postos de saúde, 100 hospitais de médio porte, 250 mil vagas em CIEPs e 17 mil casas populares.

Você considera justo gastar-se verba pública sem consultar a população? Será a Linha Vermelha no momento um aprioridade? Não existirá outra solução para resolver o problema do engarrafamento do trânsito na Av. Brasil?

gações que a grande imprensa não ajuda a população a refletir. Neste sentido, a proposta do SINAL pode trazer grande contribuição: catalogando, sistematizando junto com os setores da população organizada, profissionais e tantos outros cidadãos comprometidos nas lutas pela elevação do padrão de vida e de saúde da população, informações que possam subsidiar a construção de propostas alternativas para o enfrentamento de alguns problemas e desafios urgentes que a sociedade vive hoje. Além do mais, pode o SINAL municiar os movimentos populares com dados e informações necessárias para que possam, com maior conhecimento de causa, cobrar do poder

público o cumprimento de suas responsabilidades.

O SINAL pode ainda contribuir à nível de formação de quadros, possibilitando aos movimentos populares o acesso ao instrumental de análise da realidade, que nem sempre é percebida em sua totalidade e nem de imediato.

Pode ainda o SINAL, constituir-se num fórum de aproximação do saber popular e científico, na perspectiva de construir novas saberes e propostas que respondam aos anseios, problemas e desafios de nossa época.

Ainda como canal de comunicação o SINAL pode facilitar o intercâmbio de experiências e alternativas encontradas pelos movimentos populares para resolver determinados problemas nas áreas de saúde, educação e habitação entre outras que visam garantir o exercício pleno da cidadania.

Sem dúvida, ainda não se pode precisar, exatamente, o grau de importância que o SINAL terá para o movimento popular, uma vez que ele se construirá a partir das necessidades oriundas dos próprios movimentos e desta forma, estará sempre sendo reavaliado e replanejado. Daí a importância de que você nos envie para que divulgemos suas experiências e questionamentos, porque eles podem servir como ponto de partida para a construção de alternativas, lutas e enfrentamento de problemas em outras comunidades.

Não se esqueça, temos sempre um espaço para você.

Ermanni Alcides A. da Conceição
Vice-Presidente da Associação dos Moradores de Nova Holanda

CEPEL:
Rua Uranos, 1.496/Sala 401
Olaria
CEP 21.060 - Rio de Janeiro - RJ